

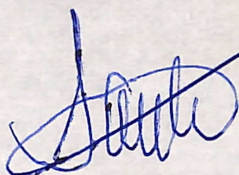
Salvador, 18 de Fevereiro de 1983

Caro Prof. Schemberg:

Segue anexo material dos artistas plásticos da Bahia que vão participar na 1ª Feira ~~Nacional de Artes e Ofícios~~ da Cultura Brasileira.

Agradecemos a sua presença no dia da inauguração.

Aqui fica o muito obrigado de



PRIMEIRA FEIRA DE CULTURA BRASILEIRA
26 DE FEVEREIRO A 06 DE MARÇO/1983
SÃO PAULO

GENTE COM CARA DE EX-VOTO NÃO É EX-VOTO COM
CARA DE GENTE.

SANTE SCALDAFERRI

SANTE SCALDAFERRI, nasceu em 1928, em Salvador Bahia. Fez o curso de Pintura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, onde foi Assistente de Ensino na cadeira de Anatomia Artística. Fez na mesma escola o curso livre de gravura com Mário Cravo Junior. Com Gianni Rato cursou Cenografia na Escola de Teatro da UFBA. Foi assessor de arte do Museu de Arte Moderna e Museu de Arte Popular da Bahia. Foi professor da Escola da Criança do MAMB. Planejou e implantou os centros de formação artesanal do SESI, SESC e do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, na área tombada do Pelourinho.

Participou e participa de inúmeras exposições coletivas, de Salões e Bienais em diversos Estados brasileiros e no exterior, possuindo inúmeras premiações. Realiza constantemente exposições individuais. Fez cenários, cartazes e catálogos para teatro. Além de pintura de cavalete em várias técnicas tem realizado também murais e ilustrações para livros. Tem uma participação atuante no desenvolvimento cultural da Bahia, começando no grupo "MAPA" e continuando até hoje. Participou do "cinema novo" com pequenas cenografias e como ator em filmes de Glauber Rocha. Seus quadros constam do acervo de museus e coleções particulares brasileiras e de diversos países. Em 1977 foi editado pelo Museu de Arte Moderna da Bahia o livro "A Cultura Popular na Pintura de Sante Scaldaferrri", durante uma exposição individual onde estão textos dos mais expressivos críticos e intelectuais brasileiros. Sua pintura, arte erudita sobre raiz popular reflete o drama e a tragédia do povo dos sertões nordestinos. Sem ser um regionalista provinciano, mas usando uma linguagem contemporânea, atinge através dos temas brasileiros o universal. Seu uni

Cont.

verso é fruto de um grande acúmulo de conhecimentos teóricos e de muita vivência pessoal nas fontes do Nordeste. Desde 1957 usa em sua pintura o ex-voto como signo-símbolo, dando assim uma contribuição a uma possível arte brasileira e à nossa identidade cultural. Atualmente os ex-votos assumiram a condição humana para expressarem as suas fraquezas e pecados. Por isso num depoimento recente declarou: "Minha pintura é gente com cara de ex-voto e não ex-voto com cara de gente". Numa forma mais ampla, o interesse maior de sua pintura é o homem. Desde 1980, em sua nova fase de grande aceitação crítica, tem participado de exposições coletivas importantes como "Pablo, Pablo! Uma Interpretação Brasileira de Guernica", itinerante pelo Brasil, 5ª Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, em ambos os países, III, IV e V Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio, sendo premiado no último com "Referência Especial do Juri", Salão da Ferrovia, Rio, onde foi premiado com Referência Especial do Juri, e de individuais na Galeria Genaro, Salvador, Galeria Rodrigo M.F. Andrade, FUNARTE, Rio, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador e Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Esta exposição, com alguns quadros de fases antigas já expostos aqui, e a sua produção mais recente a partir de 1980, e ainda inédita em São Paulo, tem um caráter didático para uma avaliação da crítica e do público paulista.

SANTE SCALDAFERRI - TRABALHOS EXPOSTOS

01. Ex-Votos	1.30 X 0.97	1967	- Coleção Part.
02. Sertão	1,30 X 0.97	1967	- Coleção Part.
03. Bandeira da Ressurreição	0.92 X 0.73	1968	- Coleção Part.
04. Senhor dos Passos de Monte Santo ..	0.92 X 0.73	1969	- Coleção Part.
05. Procissão das Dores	0.92 X 0.73	1969	- Coleção Part.
06. Casa do Romeiro	0.92 X 0.73	1976	- Coleção Part.
07. Bandeira do Vaqueiro	0.65 X 0.50	1976	- Coleção Part.
08. O Milagre	0.64 X 0.64	1980	- Coleção Part.
09. A Soberba	1,30 X 0.97	1980	- O conj. de 07
10. A Ira	1,30 X 0.97	1980	- quadros intitulados Os 7 Pe
11. A Inveja	1,30 X 0.97	1980	- cados Capitais
12. A Avareza	1,30 X 0.97	1980	-
13. A Preguiça	1,30 X 0.97	1980	- CR\$10.000.000,00
14. A Gula	1,30 X 0.97	1980	-
15. A Luxuria	1,30 X 0.97	1980	-
16. O Prazer	1.30 X 0.97	1981	- O conj. de 03 quadros intitulados
17. O Êxito Prestigioso	1,30 X 0.97	1981	- O Triptico das Tentações
18. O Poder	1,30 X 0.97	1981	- CR\$5.000.000,00
19. Escultura de Ex-voto do Nordeste. 0.40cm de Alt.			- Coleção Part.

PRIMEIRA FEIRA DE CULTURA BRASILEIRA
26 DE FEVEREIRO A 06 DE MARÇO/1983
SÃO PAULO

CORES E SIGNOS NORDESTINOS NA PINTURA SEMIÓTICA DE
CÉSAR ROMERO

Uma das funções intransferíveis da pintura é a sua capacidade de evocar situações e de transformar elementos reais e imaginários com uma dupla função expressiva e comunicante, utilizando códigos de acesso mais ou menos limitados quantitativamente, já que a pintura não é um meio massivo de comunicação. Mas pode-se dizer que, tanto em seu processo como em seu resultado, a pintura deve ser considerada como matéria de pesquisa semiótica ou como sistema de signos, excelente objeto estético e meio para o exercício da investigação intelectual. A arte sendo linguagem é sempre constituída por uma sucessão de símbolos.

No campo da semiologia das imagens, a pintura brasileira tem em Rubem Valentim o seu primeiro e o mais importante dentre os seus representantes já há um quarto de século. A participação da Bahia nas artes plásticas no Brasil tem sido em todos os tempos de grande significação. Mário Pedrosa, o nosso maior crítico, diz que Rubem Valentim fez na Bahia, para a pintura brasileira, o que Tarsila e Volpi fizeram no sul. E o que dizer agora, quando a antiga cidade de Tomé de Souza conta atualmente com novos pintores de enorme interesse, como Sante Scaldaferrri, César Romero, Juraci Dorea, Vauluizio Bezerra, Bartira e Francisco Liberato, artistas cujos rumos buscam redefinir a função da arte e sua vinculação com a vida, nessa reelaboração poética da realização que costumamos chamar criação, falando num sentido autêntico de criação, a partir das próprias raízes.

Conhecer a pintura fascinante de César Romero em sua fase atual, é entrar em contato, um contato generoso, com

Cont.

a personalidade inquieta e o temperamento investigador de um artista sensível e íntegro, dotado de uma profunda energia criativa que se afirma através da cor e da forma,

Sua pintura de excelente qualidade técnica, elaborada com uma linguagem plástica simples, de desenho preciso e cor vigorosa, está insuflada de fortes e profundas raízes ancestrais. São as raízes à mostra do nosso passado cultural, resultados plásticos, residuais, e anotações cromáticas das vibrações da alma imortal do povo e da grande nação nordestina, por via do conteúdo, do significado, e da forma significante do signo. Uma experiência singular da qual podem extrair-se múltiplas consequências relacionadas com a função da pintura e do artista como criador dessa interpretação de seu tempo, como aludiu Francastel.

"Meu trabalho de hoje, - diz o artista - vem do que recolhi de minha região: o Nordeste. A princípio foi puro instinto. Um dia observando minha pintura com certo distanciamento, notei uma série de símbolos, de arquétipos, emblemas, algo atávico. Parti para reestudar a simbologia do Nordeste e aplicá-la de forma direta e consciente. Uma busca de não deixar morrer as marcas que o povo criou, numa região tão rica em costumes, ritos, música, folclore e outras manifestações de arte. O Nordeste tão marginalizado, considerado o Terceiro Mundo do Brasil, é onde palpita a identificação nacional". Uma ordem reveladora se insinua agora na bela obra de César Romero, enriquecida numa maior segurança na elaboração da forma e na carga semântica de sua potencialidade signica.

Seus signos organizam-se no espaço. Suas telas invadidas de cores vibrantes evocam uma profunda e equilibrada ancestralidade em suas faixas emblemáticas que projetam formas semióticas da cultura nordestina, fragmentos da paisagem, signos dos chapéus de cangaceiros, dos bordados de rendas, das formas e dos desenhos ornamentais da cerâmica e de símbolos religiosos dos deuses e dos objetos de culto do candomblé.

Pintura vigorosa e sem concessões, admirável em todas as suas virtudes e transbordante de vida, de amor e alegria,

Cont.

como as danças nordestinas. Alegria e prazer, pois, na realidade, prazer é o que nos proporciona a pintura semiótica do extraordinário César Romero em sua visão voltada mais para uma concepção universal e, portanto, mais ampla da própria pintura.

Wilson Rocha

Crítico de Arte - ABCA - AICA
Salvador - Bahia - janeiro - 83.

PRIMEIRA FEIRA DE CULTURA BRASILEIRA
26 DE FEVEREIRO 06 DE MARÇO/1983
SÃO PAULO

PROGRAMA TEÓRICO

Meu trabalho de hoje, vem do que recolhi de minha Região: o Nordeste. A princípio foi puro instinto. Um dia observando minha pintura com certo distanciamento, notei uma série de símbolos, de arquétipos, emblemas, algo atávico. Parti para reestudar a simbologia do Nordeste e aplicá-la de forma direta e consciente. Uma busca de não deixar morrer as marcas que o povo criou, numa Região tão rica em costumes, ritos, música, folclore e outras manifestações de arte. O Nordeste tão marginalizado, considerado o Terceiro Mundo do Brasil é onde palpita a identificação nacional.

- Pesquisei minha infância, evoquei fatos desta minha vivência e, até em sonhos borbulharam refrescando a memória.

- O ponto de partida foi a colcha de retalhos, que apareceu em minha pintura no início de 1978. A colcha de retalhos é muito comum em localidades mais pobres, quando se unem pequenos retalhos que sobram, costura-se uns nos outros até se formar uma peça grande para aquecer nas noites ou servir de cobre-cama pelo dia. A variedade de cor, formas e texturas é fascinante. Aí temos a arte popular utilitária, lúdica, que surge da força da necessidade, da pobreza, que surge da necessidade de viver.

Feita a colcha de retalhos, que é bandeira, que é estandarte, que identifica, festeja fatos, que aglutina, inscrevi nela um vocabulário nordestino: símbolos, marcas do candomblé, dos chapéus e roupas dos cangaceiros, dos vaqueiros e dos arreios de seus animais, os ferros de marcar o gado. Das rendas, da cerâmica popular utilitária e lúdica, que surge da necessidade, mandacarus, árvores e arbustos sintetizados, a zoomorfia nordestina, a puxada di xaréu, as comidas típicas e suas cores. As arraias e

Cont.

periquitos dos céus de verão com suas crianças pançudas ' /
na outra extremidade da linha. Os monogramas dos santos ' /
de devoção, as charolas, as rezas, os estandartes, as flâ
mulas tão usadas nas procissões. O desenho, a pintura dos
bancos, mesas e barracas das festas de largo, do carnaval,
as festas de São João e suas bandeirinhas, o Natal e o ' /
presépio. O povo e suas arte comunitária, a vida. Aí está
minha alma nativa, em minha interpretação plástica-visual.
Depois de rpona a colcha de retalhos ou ainda a faixa em
blemática, com meu idioleto, com o risco do meu povo, com
o agrupamento sígnico do Nordeste, solto numa paisagem ou num fundo
chapado deixando o estandarte dominar o campo plástico.

A paisagem é o recorte nordestino, com suas pequenas eleva
ções longíquas, sua vegetação, suas estradas de ferro quase extintas,
seu sol a dualidade vida-morte, a lua e suas lendas, os rios das
fazendas, os mata-burros separando pastagens, os recortes
das ilhas da Baía de Todos os Santos. Busco criar na pai
sagem uma atmosfera que é meu interiorssolitário, algo como estar '
noutro tempo-espaço. A alma nordestina me parece metafísica, tam
bém surreal nas lendas, estórias, na literatura de cordel,
na literatura de nossos escritores. Não que o nordestino
seja um alienado de sua realidade, bem mais para atenuar o sofri
mento do Homem.

- Busco interpretar tudo isto e, vai meu lado erudito inevitável a
sintetizar, simplificar, elaborar, construir o espaço, o desenho e
a cor.

- Busco a pintura na pintura e engajá-la. Busco ser um reporter da
contemporaneidade, registrar meu momento, fazer minha arte parte in
tegrante de meu tempo. Sem esquecer a comunidade, que é dela
que vem minha pintura.

César Romero

Salvador - Julho de 1983.

CAIXA POSTAL 1869

CEP: 40.000